



COMO CITAR

FARIAS, I. C. V. de; RICARDO, V. da S.; NASCIMENTO, I. R. C. do; FERREIRA, D. da S. Estratégia de prevenção para o abuso sexual de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa. *Gestão & Cuidado em Saúde*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. e12214, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/gestaoecuidado/article/view/12214>.

Estratégia de prevenção para o abuso sexual de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa

Sex education as a strategy to prevent sexual abuse of children and adolescents: na integrative review

Isabelle Caroline Veríssimo de Farias¹

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Vitória da Silva Ricardo²

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Isabel Regiane Cardoso do Nascimento³

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

Diego da Silva Ferreira⁴

Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil

RESUMO

O presente trabalho busca identificar na literatura como a educação sexual pode ser utilizada para prevenir o abuso sexual de crianças e adolescentes. Através de uma revisão integrativa da literatura buscamos artigos publicados nas bases de dados Pubmed, Wef of Science e Scopus, e por meio de critérios predefinidos chegamos a um total de 8 artigos, caracterizados quanto ao nível de evidência e principais achados. A partir da inferência dos dados, foi possível agrupar os resultados em duas categorias temáticas principais e seus desdobramentos, sendo identificadas estratégias elaboradas de acordo com a fase da criança, que objetivava ensinar de forma lúdica sobre toque adequado e inadequado, como perceber e se proteger de situações de risco e ter mais consciência sobre essas dinâmicas de autoproteção. A educação em sexualidade é uma das melhores estratégias de prevenção ao abuso sexual infantil e de adolescentes, e apesar de ainda ser um tabu, em muitos contextos brasileiros, já se percebe a movimentação para capacitações e estratégias.

Palavras-chave: Abuso sexual infantil. Educação Sexual. Proteção da criança.

ABSTRACT

This work aims to understand how sex education can be used as a strategy to prevent sexual abuse of children and adolescents. Our integrative literature review searched for articles published in the PubMed, Web Of Science, and Scopus data bases. We reached a total of eight articles, characterized according to the level of evidence and main findings through predefined criteria. Based on data inference, we





grouped the results into two main thematic categories and their consequences, identifying strategies developed per the child's stage, which aimed to teach playfully about appropriate and inappropriate touch, how to perceive and protect yourself from risky situations, and be more aware of these self-protection dynamics. Sex education is one of the best strategies for preventing child sexual abuse, and the movement towards training and strategies is already noticeable although it is still a taboo in many Brazilian contexts.

Keywords: Child sexual abuse. Sex education. Child protection.

Introdução

Ao longo dos tempos, muitas crianças vêm sendo abusadas sexualmente em seu contexto familiar - local onde deveriam estar recebendo carinho, atenção e respeito. Essas vítimas são molestadas por pessoas em quem confiam, e passam muitos anos ou mesmo sua vida toda guardando um segredo que lhes causa mal, não tendo coragem ou espaço para revelar esse segredo para alguém (OLIVEIRA, 2006).

Segundo Cruz et al. (2021), as crianças e adolescentes sentem-se impotentes para fazer a revelação do que acontece com eles e isso pode estar relacionado a vários motivos, como a dificuldade de compreender que aquilo se trata de um abuso, uma violência contra eles, ou por não poderem contar com alguém para realizar a denúncia mesmo que informalmente, e por muitas vezes serem desacreditadas pelos adultos ou ainda receberem ameaças de seu agressor.

Para Sei e Souza (2019), a experiência do abuso sexual é um evento traumático que traz prejuízos para a organização psíquica e subjetividade das vítimas, causando impactos e repercussões negativas na sua vida. Ao vivenciarem algo nessa gravidade, todos os aspectos da vida - físico, cognitivo, psicológico e social - são afetados.

O que corrobora com os achados do estudo de Cruz et al. (2021), que evidenciaram entre as sintomatologias psicológicas percebidas pelos estudos, nas crianças e adolescentes que sofreram abuso sexual: baixa autoestima, depressão, Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT), dificuldade de dormir, borderline, autolesão, comportamento suicida, transtorno psicótico, alucinações auditivas. Nas repercussões físicas, além de sintomas causados de forma psicoemocional, foi evidenciado cefaleia e distúrbios metabólicos.

A ideia de estabelecer a educação sexual para crianças pode ser mal interpretada, pois muitas pessoas entendem que essa iniciativa incentivaria o acesso a assuntos não permitidos para a idade. Tal interpretação, em alguns casos, ocorre pela ideia de que a sexualidade se



limita ao desejo e ato sexual. E assim acredita-se que abordar essas questões deveria ser responsabilidade exclusiva da família (CASSIAVILLAN; ALBRECHT, 2023).

Considerando que a aversão à educação em sexualidade nessa faixa etária tenha várias camadas como questões religiosas, desconhecimento de como de fato seria feita, e de como poderia ser benéfica principalmente para a questão de prevenção, verificar-se-á que abordar os benefícios dessas aprendizagens possam favorecer a aceitação e disseminação dessa estratégia.

A persistência na ocorrência de abusos sexuais infantojuvenis, mesmo com todas as redes proteção, além das noções que hoje se tem sobre a infância, revelam a necessidade de estratégias mais eficientes de prevenção desses casos. Este estudo trata acerca da educação em sexualidade como estratégia de prevenção ao abuso sexual infantil e de adolescentes.

A partir do exposto, o objetivo principal é identificar na literatura como a educação sexual pode ser utilizada para prevenir o abuso sexual de crianças e adolescentes.

2 Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, realizada entre julho e outubro de 2023, contemplando as etapas: 1) estabelecimento da hipótese ou questão de pesquisa; 2) amostragem ou busca na literatura; 3) categorização dos estudos; 4) avaliação dos estudos incluídos na revisão; 5) interpretação dos resultados e 6) síntese do conhecimento ou apresentação da revisão (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

A pergunta de pesquisa foi elaborada a partir da estratégia de caráter multidisciplinar TQO (Tema – Qualificador – Objeto). O Tema representado pelo assunto principal, o Qualificador representado pelas características ou situações relacionadas ao tema e o Objeto representado por um indivíduo, população, instituição, procedimento ou dispositivo. Como estratégia de delineamento o Tema educação sexual, o Qualificador abuso sexual e o Objeto crianças e adolescentes. A partir dessa estrutura foi elaborada a seguinte questão de pesquisa: como a educação sexual pode ser utilizada para prevenir o abuso sexual de crianças e adolescentes?

No que concerne a amostragem na literatura, foram selecionadas as bases de dados *Web of Science*, *Pubmed* e *Scopus* por serem bases de dados que possuem publicações com a temática de pesquisa, estarem entre as bases de dados que publicam conteúdos multidisciplinares e terem avaliações criteriosas dos artigos que estão disponíveis, procedendo



a utilização dos Descritores em Ciências da Saúde/*Medical Subject Headings* (DeCS/MeSH). Buscando expandir os resultados das buscas e obter estudos mais assertivos e sensíveis sobre o tema, foram combinados descritores e linguagem natural.

Na equação de busca, os operadores booleanos (“AND” e “OR”) foram utilizados com o intuito de agregar na pesquisa e foram organizados conforme as características e orientações de busca de cada base de dados. Os campos de busca utilizados foram Tópicos, *TITLE-ABS-KEY* e *MeSH Terms com Title/Abstract*, conforme a Tabela 1.

Tabela 1 - Estratégias de busca utilizadas nas bases de dados. Fortaleza – Ceará, 2023.

BASE DE DADOS	EQUAÇÃO DE BUSCA
SCOPUS	("sexual behavior" OR "sexual harassment" OR "sex offenses" OR "sexual abuse") = 435,043 ("Sex Education" OR "Sexuality Education") = 19,991 (sexual AND behavior OR sexual AND harassment) OR (sex AND offenses) OR (sexual AND abuse) = 67,776 ("sexual behavior" OR "sexual harassment" OR "sex offenses" OR "sexual abuse" AND "Sex Education" OR "Sexuality Education" AND sexual AND behavior OR sexual AND harassment OR sex AND offenses OR sexual AND abuse = 713
PUBMED	(Child Abuse OR Sexual/prevention AND control) OR (Child Abuse, Sexual/psychology) OR (Child Abuse, Sexual/therapy) = 7.004 (Sex Education) OR (Sexuality Education) = 101,241 (sexual behavior OR (sexual harassment) OR (sex offenses) OR (sexual abuse) = 198,066 Child Abuse OR Sexual/prevention AND control) OR (Child Abuse, Sexual/psychology) OR (Child Abuse, Sexual/therapy) AND (Sex Education) OR (Sexuality Education) AND (sexual behavior OR (sexual harassment) OR (sex offenses) OR (sexual abuse) = 62,479



WEB OF SCIENCE	("sexual behavior" OR "sexual harassment" OR "sex offenses" OR "sexual abuse") = 67,535 ("Sex Education" OR "Sexuality Education") = 10,486 (Child Abuse AND Child Abuse Sexual) = 22,343 "sexual behavior" OR "sexual harassment" OR "sex offenses" OR "sexual abuse" AND "Sex Education" OR "Sexuality Education" AND "Child Abuse" AND "Child Abuse Sexual" = 126
-----------------------	---

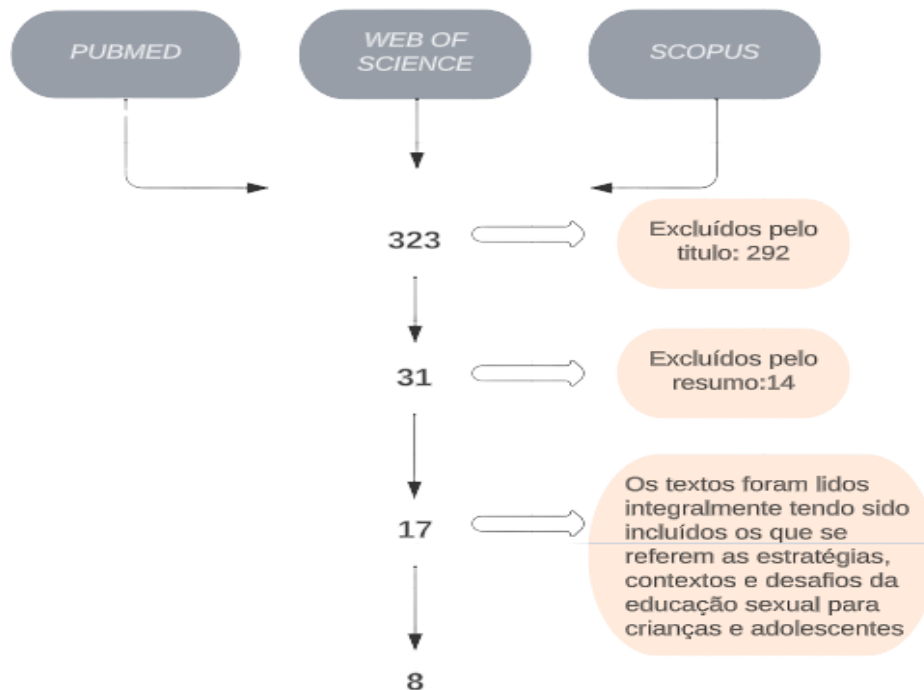
Fonte: elaborada pelos autores.

A partir disso, os critérios de inclusão foram estudos sobre educação sexual ou educação em sexualidade que abordassem sobre o abuso sexual em crianças e adolescentes que sofreram abuso sexual ou tiveram contato com educação sexual, em artigos que tenham seu conteúdo disponível eletronicamente, gratuito e na íntegra. E como critérios de exclusão, estudos que se direcionassem para disfunções sexuais, Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), gravidez na adolescência, e que abordassem sobre o abuso sexual em adultos e idosos ou em outro contexto diferente do objeto de pesquisa, além de excluir estudos publicados apenas como resumo, dissertações, livros ou teses.

Com relação ao processo de busca dos artigos, após o primeiro resultado nas bases de dados com os descritores combinados, foram aplicados os filtros para localizar os textos completos de acesso aberto e dos últimos 10 anos que evidenciam as referências mais atuais. Após essa etapa, o número de resultados diminuiu, o que tornou mais acessível a possibilidade de avaliá-los. Iniciamos com a leitura dos títulos e descartamos os que não representavam o nosso objeto de pesquisa.

Em seguida, com os artigos selecionados nas três bases de dados, foi realizada a leitura dos resumos, e com os artigos escolhidos, foi feita a leitura integral e inclusão daqueles que versavam sobre o abuso sexual e as estratégias, contextos, potencialidades e desafios da educação sexual para crianças e adolescentes. Dessa forma, o levantamento se deu pela análise dos estudos selecionados, e foram incluídos aqueles que adotaram os requisitos esperados, resultando em 123 estudos na *Scopus*, 126 na *Web of Science* e 167 na *Pubmed*, conforme evidenciado no fluxograma a seguir:

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos estudos que compõem a revisão.



Fonte: elaborado pelos autores.

A partir da leitura e análise crítica, procedeu-se à discussão e interpretação dos resultados obtidos, aliada à apresentação e caracterização das evidências encontradas. Para essa etapa, formulou-se um instrumento de caracterização de dados contendo as informações referentes à autoria, ao local, ao ano, aos principais resultados do estudo, bem como à análise do achado.

Para caracterização da amostra quanto à análise crítica foi utilizada a ferramenta *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ), e para interpretação dos resultados foi aplicada a Análise de Conteúdo do tipo categorial temática de Bardin (2016).

3 Resultados e discussão

A seguir, no Quadro 1, serão mostrados os resultados prévios da busca livre, com o intuito de validar a equação de busca de pesquisa.



Quadro 1 - Instrumento de caracterização dos artigos selecionados para a revisão integrativa, Fortaleza, Ceará, 2023.

TÍTULO	AUTOR	BASE DE DADOS	ANO	PRINCIPAIS RESULTADOS	Pontuação COREQ
Analisando o conceito de autocuidado sexual em crianças pré escolares: um estudo qualitativo	RAHIMI KHALIFEH KANDI, Z.; EBADI FARD AZAR, F.; FARAHANI, F. K.; AZADI, N.; MANSOURIAN, M.	<i>Web of Science</i>	2023	O autocuidado sexual em crianças foi identificado a partir do ponto de vista dos participantes do estudo. Este autocuidado inclui três componentes principais e seis subcomponentes de (1) conhecimento sobre privacidade, situação de risco e pessoas confiáveis, (2) atitude e percepção de risco e (3) habilidades comportamentais em autoproteção (ou seja, pós-reação de lesão). É preciso não apenas o conhecimento, mas compreender a aplicação para as crianças. Nesse sentido, é indispensável a promoção de disciplinas na grade curricular do curso de Pedagogia, workshops, palestras e cursos de formação continuada sobre educação sexual.	19
Crianças e adolescentes vítimas de violência sexual: aspectos do desenvolvimento físico e emocional	CONCEIÇÃO, M. M. da. <i>et al.</i>	<i>Pubmed</i>	2022	Aspectos físicos e emocionais infantojuvenis vulnerabilizam crianças para a vitimização sexual, pois facilitam o controle e domínio que o agressor necessita ter sobre elas. Como estratégia de proteção, recomenda-se o uso da educação sexual e em saúde atreladas a maior vigilância de familiares, da equipe multiprofissional e educadores. Servem também de alicerce para empoderar crianças e adolescentes, provendo-os de autonomia e reconhecimento de direitos permitindo formas de autoproteção ao público infantojuvenil.	22



A prática de professores da Educação Infantil como ação preventiva da violência sexual de crianças	MENDES, M. C. F.; MOURA, A. A. de; ARAGÃO, M. da P. A.	<i>Web of Science</i>	2020	Como resultado, apontamos a importância da formação de professores para a prevenção ao abuso sexual de crianças e da relevância de planejar suas ações pedagógicas nesta perspectiva, e proporcionar palestras para as famílias dos alunos como esclarecimento quanto à valorização familiar e à proteção e garantia de direito das crianças. Docentes e discentes, devem continuar e se ampliar para outras outras modalidades de educação, e ser tomada como ação das Secretarias de Educação das Secretarias de Educação das cidades brasileiras, favorecendo a construção de uma sociedade humanizadora, respeitando a dignidade e a saúde mental e emocional humana. A prevenção ao abuso deve ser tomada não só por uma ação individual, mas também, coletiva.	10
Um estudo de revisão sobre intervenções educacionais que promovem a saúde sexual de crianças menores de 12 anos	BARIMANI ABOKSARI, Z.; GANJI, J.; MOUSAVINASAB, N.; REZAEI, M.; KHANI, S.	<i>Web of Science</i>	2020	A saúde sexual na infância pode garantir a saúde sexual nos próximos anos de vida. Portanto, vale a pena prestar atenção a essa questão e estabelecer planos e políticas nos aspectos familiares e sociais com base nas intervenções mencionadas neste estudo	10



Educar as crianças através dos pais para prevenir o abuso sexual infantil na Turquia	APAYDIN CIRIK, V.; EFE, E.; VELIPAŞAOĞLU, S.	<i>Scopus</i>	2019	A educação para a prevenção da ASI entre crianças em idade pré-escolar começa na família. É importante que os pais sejam educados sobre a prevenção da ASI como medida de prevenção primária para proteger os seus filhos da ASI. De acordo com os nossos resultados, uma comparação dos dados pré-treinamento com os dados pós-treinamento mostrou que os pais aumentaram o conhecimento sobre a prevenção da CSA após o treino. Assim, é razoável supor que os casos de ASI podem ser reduzidos se as crianças forem ensinadas corretamente sobre ASI pelos seus pais desde cedo.	17
Educação Sexual Integral como Estratégia Primária de Prevenção da Perpetração de Violência Sexual	SCHNEIDER, M. E.; HIRSCH, J. S.	<i>Scopus</i>	2018	Neste artigo, examinamos o potencial da educação sexual abrangente (CSE) no ensino fundamental e médio, orientada pelos Padrões Nacionais de Educação em Sexualidade (NSES), para ser uma estratégia eficaz. A principal recomendação é a realização de pesquisas longitudinais para examinar o impacto da CSE na perpetração de VS, bem como em outros resultados de saúde sexual e reprodutiva. É necessária uma estratégia abrangente para afetar múltiplos fatores de risco em toda a ecologia social a nível individual, interpessoal, comunitário, ambiental e social contribuem para problemas sociais e de saúde, inclusive a violência sexual.	8



Capacitação para os desafios da violência sexual contra crianças e adolescentes em quatro capitais brasileiras	VIEIRA, L. J. E. DE <i>S. et al.</i>	<i>Pubmed</i>	2015	Notou-se pouco investimento de formação para a prevenção das violências e promoção de relações e vínculos protetivos. Destacou-se o papel indutivo dos programas federais e estaduais no setor de Turismo e Educação. Poucas iniciativas incluíram a participação de mais de um setor público. Sugere-se, por fim, a construção de um plano de capacitação sobre violências e direitos sexuais de crianças e adolescentes e, em especial, sobre violência sexual, tratando das formas de identificar e atuar nestas situações e, que, incluam: (1) planejamento de oferta de atividades; (2) metas de cobertura do número de profissionais das redes; e (3) registro do número de capacitações, conteúdos, sistematicidade e profissionais envolvidos	10
Capacitação profissional para o enfrentamento às violências sexuais contra crianças e adolescentes em Fortaleza, Ceará, Brasil	DESLANDES, S. <i>et al.</i>	<i>Pubmed</i>	2015	Considerou-se estratégico o investimento do setor saúde na capacitação de profissionais da atenção básica. Em relação aos profissionais da assistência social, a insuficiência de capacitação é agravada pelas contratações temporárias e pela alta rotatividade. Sugere-se a construção de um plano de capacitação sobre violências e, em especial, sobre violência sexual. Também é fundamental um investimento no registro institucional relacionado às ações de capacitação como ferramenta de gestão, permitindo o mapeamento dos conteúdos já abordados, as metodologias adotadas e a população abrangida.	10

Fonte: elaborado pelos autores.



A partir da inferência dos dados, foi possível agrupar os resultados em duas categorias temáticas principais e seus desdobramentos. Dessa forma, os resultados que estão interligados com os objetivos investigativos da pesquisa, serão apresentados nos tópicos a seguir:

3.1 Estratégias e contextos da educação sexual aplicadas na infância e adolescência

Segundo Conceição *et al.* (2022), seus estudos puderam identificar que algumas crianças que sofreram violência sexual eram menores de cinco anos, com aspectos saudáveis e algumas portavam deficiências físicas e mentais. Para as entrevistadas, as adolescentes estavam em fase de desenvolvimento pré-puberdade, tinham seus corpos infantis, não tinham amadurecimento sexual e emocional. Tais aspectos podem ser amplificadores dos riscos de abuso sexual, sendo necessário estratégias para prevenir esse tipo de violência.

Segundo Apaysin; Efe; Velipasaoglu, (2019), existem algumas formas para que os pais ensinem para os filhos medidas de segurança. A participação dos pais na educação sobre prevenção do abuso sexual infantil é um método eficaz para aumentar as competências de autoproteção das crianças.

O principal foco da prevenção primária são os programas que objetivam reconhecer, prevenir e notificar os abusos. Recomenda-se que informações e formações relacionadas à educação sexual sejam fornecidas a todos os profissionais que trabalhem com o público, crianças e pais. Além disso, incluir a prevenção do abuso sexual no currículo escolar e estabelecer programas de prevenção nas escolas poderia ter um resultado satisfatório (APAYSIN; EFE; VELIPASAOGLU, 2019).

De acordo com a pesquisa de Kand *et al.* (2023), o conceito de autocuidado sexual nas crianças consiste em três pilares, consciência, atitude e competências. Com relação a conscientização deve-se ter o reconhecimento da privacidade, identificar situações que representem risco e identificar pessoas confiáveis ou não confiáveis. Além disso, a atitude está relacionada à compreensão da existência do perigo, e as competências seriam as capacidades de expressar o problema, sair da situação e gritar. Para prevenir o abuso sexual é importante que esses conceitos sejam compartilhados a nível de sociedade, em casa e nas escolas.

Os instrumentos para possibilitar essa educação devem conter um material didático lúdico adequado, que represente o respeito, autoestima, conhecimento de mundo, confiança. Os recursos são utilizados no projeto de extensão nos três Centros de Educação Infantil,



instituições públicas de Sobral – CE, através de materiais paradidáticos (MENDES; MOURA; ARAGÃO, 2020).

A preparação para os professores sobre as temáticas de prevenção torna-se importante, pois como as crianças e os adolescentes passam grande parte da vida na escola, estes podem estar em constante mudanças, apresentando comportamentos e sentimentos ocasionados por situações vivenciadas em outro contexto, e o professor pode identificar mudanças de hábitos na criança, podendo não só ser um canal de prevenção, mas também de atenção e acolhimento (MENDES; MOURA; ARAGÃO, 2020).

As professoras dos Centros de Educação Infantil de Sobral – CE realizaram a contação de histórias do livro “Pipo e Fifi”, de maneira envolvente e divertida, mas, mesmo com a possibilidade de ter o livro como suporte, algumas professoras ficaram um pouco constrangidas ao ensinar “educação sexual”, mesmo assim investiram na aplicação e formação desses projetos em salas de aula da educação infantil (MENDES; MOURA; ARAGÃO, 2020).

Intervenções desse tipo não devem se resumir a processos educativos relacionados às crianças, mas também a seus pais, dado que os pais e família podem desempenhar um papel essencial, como foi visto na pesquisa em que foi feito intervenções focadas nas crianças, intervenções centradas nos pais, intervenções centradas nas crianças e nos pais, e o impacto da cultura e religião, que foram bastante produtivas (BARAMANI *et al.*, 2020).

3.2 Potencialidades e desafios enfrentados na implementação das estratégias de educação para a sexualidade na infância e adolescência nos contextos em que foram aplicadas.

É fundamental uma estratégia para conter a violência sexual desenfreada. A prevenção primária necessita ser agregada a estratégias que incluam prevenção secundária e terciária, como possibilidades que abordem a reincidência da prática, bem como de estratégias que ajudem a prevenir e a trabalhar com as vítimas após o acontecido. A prevenção primária é um bom modo de prevenir os maus resultados de saúde, aliviando o desenvolvimento de fatores de risco (SCHINEIDER; HIRSCH, 2020).

Com relação às escolas, na maioria das vezes, as primeiras reações eram de estranhamento ao tema de “educação sexual”, mas com os recursos didáticos utilizados e os materiais que correspondiam à fase de desenvolvimento das crianças essas iniciativas foram sendo mais aceitas e compreendidas. (MENDES; MOURA; ARAGÃO, 2020). Sendo assim,



apesar de muitas vezes falar sobre educação sexual representar um tabu, a explanação de como isso realmente ocorre na prática pode facilitar essa aceitação.

Considerando-se o setor de Educação, os gestores de Fortaleza, Porto Alegre e Campo Grande afirmaram a existência de profissionais previamente capacitados pela gestão para lidarem com a violência no ambiente escolar. Em Fortaleza, aconteceram as capacitações através do programa Escola que Protege, com carga horária de 120 horas. Além disso, mais uma estratégia ocorreu através do Programa de Educação contra Exploração do Trabalho da Criança e do Adolescente (PETECA), no período de 2010-2011 (VIEIRA *et al.*, 2015).

Apesar do reconhecimento formal das políticas quanto à necessidade de capacitação para o enfrentamento de violências sexuais contra crianças e adolescentes em Fortaleza-CE, o processo ainda tem lacunas, como a falta de investimentos estaduais e federais. Também é necessário um investimento no registro institucional quanto à capacitação e metodologias (DESLANDES *et al.*, 2015).

Em Porto Alegre, houve os seminários anuais das Redes de Proteção à Infância e Adolescência. Em 2011, várias redes priorizaram debates sobre abuso e exploração sexual. Além disso, orientandos educacionais e assessores pedagógicos tiveram capacitações pelo Programa de Ações Integradas e Referenciais de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-juvenil no Território brasileiro (VIEIRA *et al.*, 2015).

Ainda de acordo com Vieira (2015), em Campo Grande, no ano de 2010, muitas escolas realizaram capacitações sobre a prevenção das violências com técnicos, orientandos, coordenadores pedagógicos e supervisores. Além disso, a Fundação de Turismo, junto da Coordenadoria da Mulher, assumiu iniciativas de capacitação. O representante responsável pela área da Educação de Belém afirma não ter sido oferecido capacitação sobre violências, dando a justificativa de ter acúmulo de demandas nessa secretaria, porém reconhece a importância desse tipo de projeto.

É esperado nos Eixos do Plano Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual Infanto-juvenil, que se tenha atendimento especializado em situação de abuso sexual de crianças e adolescentes por profissionais especializados e capacitados. Os gestores dos quatro municípios afirmaram a existência de profissionais previamente capacitados. A respeito do investimento em capacitação, mesmo que de forma desigual nas quatro capitais, foi observado a falta de especificidade no trabalho dos temas de violências sexuais. Essas capacitações são



fundamentais, pois desenvolvem competências para se trabalhar e evitar esses casos (VIEIRA *et al.*, 2015).

Considerações finais

A infância e a adolescência são fases que necessitam de um olhar diferenciado, uma fase é marcada pela inocência e a outra pelas descobertas que podem impactar na vida dos sujeitos. A desinformação acaba sendo um dos motivos pelos quais as situações de abuso e violência contra crianças e adolescentes ainda se repetem.

A educação em sexualidade é uma das melhores estratégias de prevenção ao abuso sexual infantil, tendo em vista que crianças e adolescentes bem-informados sobre seu corpo, consentimento, limites e sentimentos pode perceber com muito mais facilidade a possibilidade de um abuso sexual e podem sentir-se mais seguros para pedir ajuda de um adulto. Sendo assim, não é somente um processo de educar alguém, mas de autoconhecimento, de abertura, autoaprendizado, autoaceitação e proteção.

Apesar da educação em sexualidade para crianças e adolescentes ainda ser um tabu, em muitos contextos brasileiros já se percebe a movimentação para capacitações e estratégias, como por exemplo, educação continuada, *workshops* e palestras.

O presente estudo contribui para evidenciar a problemática do abuso sexual em crianças e adolescentes e apresenta possíveis estratégias de enfrentamento. Há algumas limitações no estudo que abrem possibilidades para novas pesquisas: a necessidade de utilizar outras bases de dados; combinações de novos descritores e/ou termos alternativos; utilização de outros métodos, como por exemplo, uma revisão de escopo; e a realização outro estudo que não delimite tempo.

REFERÊNCIAS

ALBERTO D. C.; PAULA, L. S. de. Educação sexual: a quem dirigir os primeiros esforços?. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 11, n. 2, 2020.

APAYDIN C. V.; EFE, E.; VELIPAŞAOĞLU, S. Educating children through their parents to prevent child sexual abuse in Turkey. **Perspectives in psychiatric care**, 2019.

AZEVEDO, M. B.; ALVES, M. S.; TAVARES, J. R. F. Abuso Sexual Intrafamiliar em Adolescentes e Suas Reflexões. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 30, p. 7-25, jul. 2018.



BARBOSA, V. P. *et al.* Educação sexual no contexto escolar: o olhar docente sobre a questão. **Revista Latino-Americana de Diversidade e Inclusão**, [S.L.], v. 03, n. 07, p. 1-15, 2023.

BARAMANI *et al.* Um estudo de revisão sobre intervenções educacionais que promovem a saúde sexual de crianças menores de 12 anos. **J. Pediatr.**, Rio de Janeiro, v. 8, n.2, p.107-120, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual**. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata** [recurso eletrônico]. 9. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 207 p. (Série Legislação, n. 83). Atualizada em 15 mai. 2012. Disponível em: http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf.

CASSIAVILLANI, T. P.; ALBRECHT, M. P.S. Educação Sexual: Uma Análise Sobre Legislação e Documentos Oficiais Brasileiros em Diferentes Contextos Políticos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 39, 2023.

CHABAN, L. Abuso sexual: infância, relações sociais e patriarcado. **Revista do CEAM**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 125-136, 2019.

CONCEIÇÃO, M. M. D. *et al.* Child and adolescent victims of sexual violence: aspects of physical and emotional development. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, p. e20200584, 2022.

CORSARO, W. **A Pesquisa etnográfica realizada com as crianças de Infância nos EUA e em Itália**. Uminho, IEC, 2003.

CRUZ, M. A. *et al.* Repercussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva** [online]. v. 26, n. 4, p. 1369-1380.

DESLANDES, S. *et al.* Capacitação profissional para o enfrentamento às violências sexuais contra crianças e adolescentes em Fortaleza, Ceará, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, p. 431–435, fev. 2015.

EGHRARI, C. **Abuso sexual infantil intrafamiliar – aspectos transgeracionais**. (Monografia em Psicologia). Faculdade de Ciências da Saúde (FACS) do Centro Universitário de Brasília. 47 p., 2006.

MEDEIROS, A. P. O abuso sexual infantil e a comunicação terapêutica: um estudo de caso. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 54-62, jul. 2013 .

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. DE C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto e Contexto - Enfermagem**, Santa Catarina, v. 17, n. 4, p. 758–764, out. 2008.



MENDES, M. C. F.; MOURA, A. A. de; ARAGÃO, M. da P. A. A prática de professores da Educação Infantil como ação preventiva da violência sexual de crianças. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. esp3, p. 1900–1914, 2020.

MIRANDA, A. R. B. **Educação sexual e formação de professores: uma revisão bibliográfica sistemática nas bases da Capes e IBICT entre 2000 e 2020**. Tese (Mestrado em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2021.

OLIVEIRA, I. **Trajetória histórica do abuso sexual contra criança e adolescente**. 2006. 45 p. (Monografia em Psicologia) – Centro universitário de Brasília.

PENSO, Maria Aparecida et al. Abuso sexual intrafamiliar na perspectiva das relações conjugais e familiares. **Aletheia**, Canoas, n. 30, p. 142-157, dez. 2009.

RAHIMI, K. K. Z. *et al.* Analisando o conceito de autocuidado sexual em crianças pré-escolares: Um estudo qualitativo. **J Edu Promotor de Saúde** v.12, n.118, 2023.

SCHNEIDER, M.; HIRSCH, J. S. Educação Sexual Integral como Estratégia Primária de Prevenção da Perpetração de Violência Sexual. **Trauma Violence Abuse**, v.21, n.3, p. 439-455, 2020.

SILVA, C. M. DA.; PEREIRA, D. R. de P.; ANDRADE, F. dos S. Quebra do Silencio em Grupo On-line de Enfrentamento ao Abuso Sexual Infantil. **Psicologia em Estudo**, v. 28, p. e515883, 2023.

VIEIRA, L. J. E. DE S. *et al.* Capacitação para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em quatro capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 20, n. 11, p. 3407–3416, nov. 2015.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

Sobre os autores

¹ **Isabelle Caroline Veríssimo de Farias**. Graduada em Fisioterapia pelo Centro Universitário de João Pessoa (2007.2). Mestre em Saúde Coletiva pela UFPE. Atualmente é Fisioterapeuta concursada da EBSEH, lotada na UTI Clínica do Hospital Universitário Walter Cantídio - UFC. Já foi fisioterapeuta da Marinha do Brasil (cinco anos), onde atuou no Hospital Naval de Recife - PE. Tem experiência na área de Fisioterapia, além da área de ensino e é dotada de iniciativa em pesquisas para aprimoramento de seus conhecimentos. Amante da Saúde Pública. Aprovada em 6 concursos públicos. Doutorado em andamento em Saúde Coletiva, na Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: belleverissimopb@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6841272723006060>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8450-2758>.



² **Vitória da Silva Ricardo.** Possui graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Maurício De Nassau De Fortaleza – UNINASSAU (2021). Possui especialização em Saúde Mental pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Atualmente é psicóloga clínica - Clínica Crescer, e realiza atendimentos online. E-mail: psicologavitoriaricardo@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6112838685589024>. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0000-8767-8460>.

³ **Isabel Regiane Cardoso do Nascimento.** Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Gestão em Saúde pela UECE. Especialista em Cancerologia na modalidade de Residência Multiprofissional em Saúde pela Escola de Saúde Pública do Ceará em parceria com o Instituto do Câncer do Ceará. Especialista em Psicologia da Saúde pelo CRP-CE 11ª Região. Especialista em Gestão em Saúde pela UECE. Especialista em Saúde Mental pela Faculdade Stella Maris. Psicóloga pela Universidade Católica Rainha do Sertão - FCRS. Atuou na coordenação da Residência Multiprofissional em Pediatria do Hospital Infantil Albert Sabin, Fortaleza-CE. Atua como Docente e Supervisora de Estágios Profissionalizantes no curso de graduação em Psicologia da Faculdade Ari de Sá (FAS) e da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Áreas de interesse e estudo: Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar, Psico-oncologia; Psicologia Clínica de base fenomenológica-existencial; Cuidados Paliativos; Políticas Públicas de Saúde; Saúde Coletiva e Gestão, Planejamento e Avaliação em Saúde; Educação Permanente em Saúde. E-mail: isabelregiane90@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3672958856639986>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-5665-0577>.

⁴ **Diego da Silva Ferreira.** Enfermeiro, especialista em saúde da família, Mestre em Enfermagem pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB); especialista em Informática na Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutorando em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Ceará e Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES; ex bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) 2013/2015 e do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNILAB (PIBIC/UNILAB) 2015/2017; ex-presidente do Centro Acadêmico de Enfermagem da UNILAB gestão "Enfermagem Atuante 2015/2016"; vinculado ao grupo de pesquisa "Promoção da Saúde Sexual e Reprodutiva" (UNILAB) cadastrado no diretório dos grupos de pesquisa - CNPq e ex bolsista do Programa de Demanda Social da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES (2018/2020). O atual interesse de estudo é trabalhar com os seguintes temas: Saúde Mental, Saúde Pública, Inteligência Artificial, Atenção Primária à Saúde, Saúde Sexual e Reprodutiva e Vigilância em Saúde. E-mail: prof.diego.ferreira.enfermeiro@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3560382311184159>. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6314-5405>.